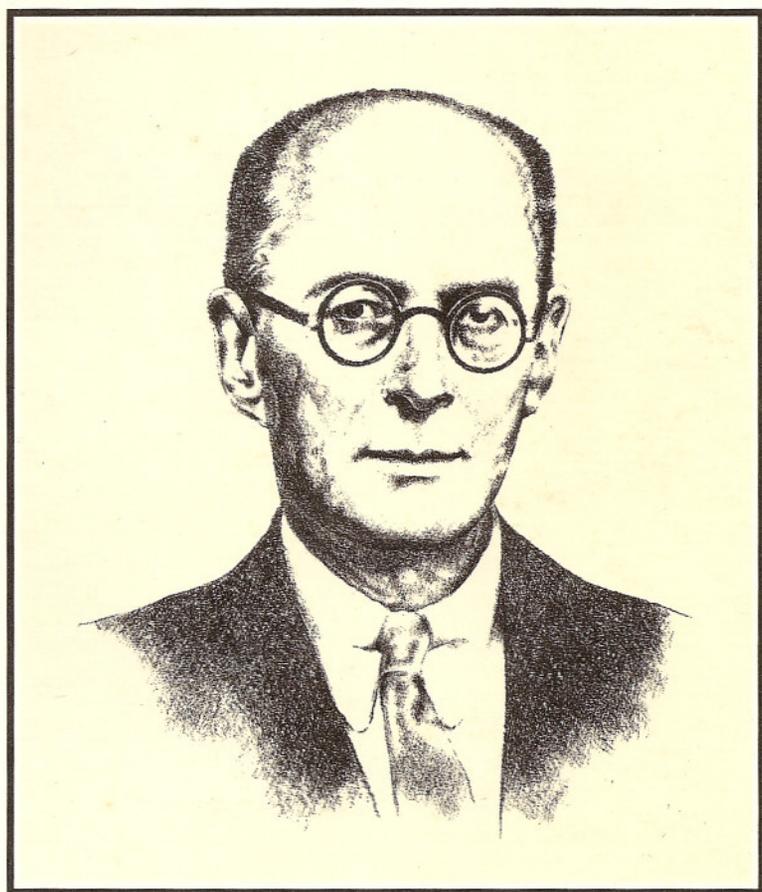


# Malinowski



Os Pensadores

---

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Câmara Brasileira do Livro, SP

M217a  
3.ed.

Malinowski, Bronislaw Kasper, 1884-1942.

Argonautas do Pacífico ocidental : um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia / Bronislaw Malinowski ; prefácio de Sir James George Frazer ; tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça revista por Eunice Ribeiro Durham. — 3. ed. — São Paulo : Abril Cultural, 1984.

(Os pensadores)

Inclui vida e obra de Malinowski.

Bibliografia.

Apêndice: Ilustrações e mapas mencionados no texto.

1. Etnologia - Nova Guiné 2. Folclore - Nova Guiné 3. Ilhas Trobriand, Nova Guiné - Civilização 4. Magia-Nova Guiné 5. Malinowski, Bronislaw Kasper, 1884-1942 6. Troca (Comércio) - Nova Guiné I. Título. II. Série.

CDD-572.995  
-133.40995  
-301.092  
-380.10995  
-398.0995  
-995.3

83-1486

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropólogos : Biografia e obra 301.092
2. Ilhas Trobriand : Nova Guiné : Civilização 995.3
3. Nova Guiné : Etnologia 572.995
4. Nova Guiné : Folclore 398.0995
5. Nova Guiné : Magia 133.40995
6. Nova Guiné : Trocas comerciais 380.10995

Com a publicação, em 1922, de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski não realizou apenas uma adição, embora substancial, à etnografia da Melanésia, mas procedeu a uma verdadeira revolução na literatura antropológica.

O caráter inovador da obra de Malinowski, exemplificado nessa monografia e nos trabalhos que a sucederam, ultrapassou de muito o círculo restrito dos especialistas em antropologia. Talvez apenas Morgan (1818-1881), antes dele, e Lévi-Strauss (1908- ), depois, tenham logrado uma repercussão tão ampla de seus trabalhos, inclusive entre o público leigo.

No caso de Malinowski, como no dos outros dois, a popularidade da obra e seu significado inovador repousam na apresentação de uma nova visão do homem e na indicação de uma nova maneira de compreender o comportamento humano. Com os *Argonautas*, desfaz-se definitivamente a visão das sociedades tribais como fósseis vivos do passado do homem, equivalentes humanos das peças de museu, aglomerados de crenças e costumes irracionais e desconexos. Os costumes e as crenças de um povo exótico adquirem agora plenitude de significado e o comportamento nativo aparece como ação coerente e integrada. A etnografia adquire a capacidade de reconstruir e transmitir uma experiência de vida diversa da nossa, mas nem por isso menos rica, ou menos humana.

Essa inovação não resulta simplesmente de uma intuição feliz, mas é, sem dúvida alguma, o produto de uma reflexão laboriosa, que arquitetou novas técnicas de investigação e novos métodos de interpretação, tão candidamente expostos na Introdução de os *Argonautas*. A singular mistura de objetividade científica e vivência pessoal, de humildade e jactância que transparece nessa Introdução, revela muito da personalidade de Bronislaw Kaspar Malinowski.

Professor brilhante, conferencista magnífico, polemicista apaixonado, Malinowski possuía simultaneamente a capacidade de simpatia e a intolerância que coexistem tão freqüentemente nas pessoas muito afetivas. Por isso mesmo, criou discípulos fervorosos e adversários ferrenhos. O próprio caráter polêmico, complexo e muitas vezes contraditório de sua obra provoca a admiração sincera e a crítica impiedosa que têm marcado todas as avaliações de sua contribuição científica. A extraordinária vivacidade e penetração da análise etnográfica colocam problemas teóricos da maior relevância, que permanecem hoje tão atuais como no passado. Por outro lado, as tentativas de sistematização teórica, especialmente como aparecem nos poucos ensaios

que publicou sobre o método funcionalista, dois dos quais póstumos, estão eivadas de contradições insolúveis e generalizações apressadas, que obscurecem o alcance e a importância das questões levantadas nos trabalhos etnográficos. Por isso, a apreciação do que existe de vivo e provocante na sua obra só pode ser feita através da leitura de uma de suas monografias, como *Argonautas do Pacífico Ocidental*.

~~As novas bases da antropologia~~  
**AS NOVAS BASES DA ANTROPOLOGIA**

Malinowski chegou à antropologia por caminhos transversos. Sua formação inicial foi no campo das ciências exatas, tendo obtido em 1908 o doutoramento em física e matemática pela Universidade de Cracóvia, sua cidade natal. Nessa época, tinha apenas 24 anos de idade, pois nascera nessa antiga cidade polonesa, a 16 de maio de 1884.

De constituição franzina, teve que interromper sua carreira científica logo depois de formado, por motivos de saúde. Impedido de trabalhar, leu, como distração, a famosa obra de Sir James Frazer, *The Golden Bough*, que o atraiu definitivamente para a antropologia e que exerceu influência profunda em sua formação. Dirigiu-se então para Leipzig onde, em breve permanência, iniciou-se em sua nova vocação sob a orientação de Karl Bücher e Wilhelm Wundt. Em 1910 já estava na Inglaterra, tendo sido admitido na London School of Economics como aluno de pós-graduação.

Em menos de três anos, Malinowski já era reconhecido como antropólogo promissor e de grandes qualidades intelectuais, tendo publicado três artigos e um livro. Em 1913, começou sua carreira docente, tendo ministrado, entre esse ano e o seguinte, dois cursos na London School of Economics, como *Lecturer on Special Subjects*. Nesse mesmo período travou relações com os maiores antropólogos da época como Seligman, Haddon, Rivers, Frazer e Marett. Com Seligman, particularmente, mantinha contato muito estreito, o mesmo acontecendo também com Westermarck, que prefaciou seu primeiro livro, *The Family Among the Australian Aborigines*.

O início da carreira de Malinowski coincide com um período de grande efervescência na antropologia, caracterizado pelo desenvolvimento de novas técnicas de pesquisa e pela crítica aos métodos de interpretação vigentes.

Até o fim do século XIX, a quase totalidade dos antropólogos jamais havia sequer visto um representante dos chamados povos primitivos sobre os quais escreviam. Seus trabalhos baseavam-se em material histórico e arqueológico sobre as civilizações clássicas e orientais e em informações sobre sociedades tribais contidas em relatos de viajantes, colonos, missionários e funcionários dos governos coloniais. Havia, é claro, algumas exceções, principalmente na América: Morgan trabalhara com informantes iroqueses, Cushing vivera cinco anos entre os índios Zuni. Com Boas (1858-1942), a tradição do trabalho de campo estabeleceu-se definitivamente nos Estados Unidos: já em 1883-1884, realizara uma pesquisa entre os esquimós e depois disso promoveu um trabalho de pesquisas de campo sistemáticas entre os índios da costa noroeste.

No final do século, começaram a multiplicar-se também na Europa os trabalhos de antropólogos ou estudiosos e missionários com formação antropológica, contendo observações feitas diretamente sobre populações tribais.

A publicação, em 1899, das extensas investigações desenvolvidas por Spencer e Gillen entre os aborígenes australianos demonstrou definitivamente as grandes potencialidades do trabalho de campo e a importância das informações obtidas por meio de observação direta para a resolução dos problemas teóricos colocados pela antropologia. Só essa obra inspirou pelo menos três grandes trabalhos, cada um dos quais constituía uma reflexão inovadora em seu próprio campo: *As formas elementares da vida religiosa*, de Durkheim (1858-1917), *Totem e Tabu*, de Freud (1856-1939), e *A família entre os aborígenes australianos*, o primeiro livro de Malinowski, todos publicados em 1913.

A publicação da obra de Spencer e Gillen coincide com a realização (em 1888-1889) da famosa Expedição Cambridge ao estreito de Torres (entre Austrália e Nova Guiné), organizada por Haddon e da qual participaram, entre outros, Seligman e Rivers (1864-1922). Tratava-se pois de uma equipe de renomados especialistas, realizando simultaneamente uma série de investigações científicas na mesma região.

Em 1901, Rivers trabalhou entre os Todda. Seligman, em 1904, empreendeu um *survey* monumental de toda a Nova Guiné Britânica e, nos anos seguintes, esteve, com sua mulher, entre os Vedda do Ceilão e as tribos do Sudão britânico.

Quando Malinowski chegou à Inglaterra, todos esses pioneiros já estavam formando a primeira geração de investigadores de campo e Radcliffe-Brown (1881-1954) havia acabado de concluir sua pesquisa entre os Andamaneses, realizada entre os anos de 1906 e 1908 (embora só publicada em 1922).

### Fundamentos da escola funcionalista

O desenvolvimento do trabalho de campo sistemático produziu uma enorme quantidade de novos conhecimentos e colocou em xeque o modo tradicional de manipular os dados empíricos. A nova geração de antropólogos britânicos, cujos expoentes são justamente Radcliffe-Brown e Malinowski, promoveu a crítica radical dos postulados evolucionistas e difusionistas que dominavam a antropologia clássica, estabelecendo um novo método de investigação e interpretação que ficou conhecido como "escola funcionalista". O funcionalismo, na antropologia, desenvolve-se em três linhas, algo distintas: a dos discípulos de Boas, nos Estados Unidos; a de Malinowski e a de Radcliffe-Brown, na Inglaterra.

Em qualquer uma de suas formas o funcionalismo está estreitamente vinculado ao trabalho de campo. Isso não quer dizer, entretanto, que o funcionalismo se reduza a uma técnica de pesquisa. Mesmo em Malinowski, que é o etnógrafo por excelência, a crítica à antropologia clássica e a formulação de novos problemas teóricos precedem seu trabalho de campo. Já no seu primeiro livro, *A família entre os*

*aborígenes australianos*, baseado exclusivamente em material bibliográfico, Malinowski aponta com muita exatidão a deficiência das categorias de análise e dos conceitos evolucionistas e difusionistas e propõe um novo método de ordenação e interpretação da evidência empírica.

Os primeiros trabalhos de Malinowski, assim como os de Radcliffe-Brown, acusam uma forte influência de Durkheim, que forneceu a ambos a formulação inicial dos conceitos de função e de integração funcional, com os quais essa nova geração de antropólogos procurou construir um método próprio e chegar a uma nova teoria antropológica.

A crítica fundamental que Malinowski e os demais funcionalistas dirigem à antropologia clássica refere-se à arbitrariedade das categorias utilizadas. A comparação entre sociedades diversas é feita através de um desmembramento inicial da realidade em itens culturais tomados como elementos autônomos; com os fragmentos assim obtidos os autores procedem a um rearranjo arbitrário, agrupando-os de acordo com categorias tomadas de sua própria cultura e fabricando com isso intuições, complexos culturais e estágios evolutivos que não encontram correspondência em qualquer sociedade real.

A preocupação com a adequação das categorias à realidade estudada está estreitamente associada ao empenho em reconhecer e preservar a especificidade e particularidade de cada cultura. Para os funcionalistas, os elementos culturais não podem ser manipulados e compostos arbitrariamente porque fazem parte de sistemas definidos, próprios de cada cultura e que cabe ao investigador descobrir. Essa noção se expressa no postulado da integração funcional, que assume importância fundamental em toda análise funcionalista. O conceito de função aparece como o instrumento que permite reconstruir, a partir dos dados aparentemente caóticos que se oferecem à observação de um pesquisador de outra cultura, os sistemas que ordenam e dão sentido aos costumes nos quais se cristaliza o comportamento dos homens.

São essas preocupações, já aparentes em *A vida familiar dos aborígenes australianos*, que orientam Malinowski quando parte para o trabalho de campo.

A oportunidade de realizar uma investigação de campo surge em 1914. Graças ao apoio e aos esforços de Seligman, Malinowski obtém duas bolsas, a *Robert Mond Travelling Studentship*, da Universidade de Londres, e a *Constance Hutchinson Scholarship*, da London School of Economics, que lhe permitem organizar uma expedição à Nova Guiné. A escolha da área prende-se, obviamente, à influência de Seligman, que já havia então publicado seu trabalho monumental sobre essa região.

### A observação participante

Malinowski chegou a Port Moresby depois de passar pela Austrália já em pleno início da Segunda Guerra Mundial, o que lhe causou dificuldades adicionais, visto ser então tecnicamente súdito austríaco e, portanto, cidadão inimigo. Na verdade, só voltou à Inglaterra de-

pois de terminado o conflito; a longa duração de sua permanência em campo — que lhe permitiu realizar um trabalho de investigação tão intenso e minucioso — talvez se deva, pelo menos em parte, a essas dificuldades políticas.

De início passou alguns meses — de setembro de 1914 a março de 1915 — entre os Mailu, habitantes da ilha de Tulon, sobre os quais publicou, no mesmo ano, uma pequena monografia.

Retornando à Austrália em 1915 e obtendo recursos adicionais através da infatigável boa vontade de Seligman, dirigiu-se novamente para o campo, desta vez para os arquipélagos que se estendem a nordeste do extremo oriental da Nova Guiné. Tendo encontrado dificuldades em seguir seus planos iniciais, que compreendiam permanência em diversas ilhas, acabou fixando-se nas Ilhas Trobriand, onde permaneceu de junho de 1915 a maio do ano seguinte. De volta à Austrália, dedicou-se durante um ano e meio à ordenação e interpretação inicial do material coletado. Nessa época, recebe, de Londres, o título de Doutor em Ciências, que lhe é outorgado pelos seus dois trabalhos já publicados: o relativo aos aborígenes australianos e a monografia sobre os Mailu. Além disso, apronta e envia para publicação o ensaio intitulado *Baloma: Spirits of the dead in the Trobriand Islands*, que aparece no mesmo ano. Um artigo sobre a pesca nas ilhas trobriandesas, publicado na revista *Man*, em 1918, data também provavelmente dessa época. Em outubro de 1917, parte para novo período de trabalho de campo, voltando mais uma vez às ilhas trobriandesas, onde permanece todo um ano, até outubro de 1918.

Planejado ou não, esse interregno entre duas extensas permanências em campo revelou-se extremamente frutífero para Malinowski. Sem uma elaboração preliminar do material é impossível determinar suas insuficiências e, embora nem sempre possível, esse procedimento constitui ainda hoje o ideal da prática da investigação etnográfica, tal como a prescreveu Malinowski a partir dessa época.

A grande inovação de Malinowski no trabalho de campo consistiu na prática do que é chamado hoje em dia observação participante. Os princípios fundamentais dessa prática e o desenvolvimento dessa experiência estão minuciosamente relatados na *Introdução dos Argoonautas*.

As pesquisas de campo anteriores dependiam quase inteiramente de inquéritos realizados com uns poucos informantes bilíngües ou de questionários aplicados com o auxílio de tradutores. A observação direta do comportamento era necessariamente breve e superficial, pois realizada durante visitas de curta duração às aldeias indígenas. Através dessas técnicas de investigação é possível acumular grande número de informações e, inclusive, testar a veracidade dos informes utilizando informantes diferentes. No entanto, é impossível captar, com esse trabalho, toda a riqueza de significados que permeia a vida social — e a cultura aparece, necessariamente, como o conjunto de itens independentes que figuram nos inquéritos. Além disso, a ordenação das questões apresentadas é feita freqüentemente em termos de categorias alheias ao universo cultural investigado, introduzindo assim pequenas ou grandes distorções no próprio material etnográfico.

Malinowski alterou radicalmente essa prática, passando a viver permanentemente na aldeia, afastado do convívio de outros homens

brancos e aprendendo a língua nativa, tarefa para a qual, aliás, era extremamente dotado. Desse modo, embora não dispensando o uso de informantes, substituiu-o em grande parte pela observação direta, que só é possível através da convivência diária, da capacidade de entender o que está sendo dito e de participar das conversas e acontecimentos da vida da aldeia.

É importante ressaltar que o fundamento dessa técnica reside num processo de "aculturação" do observador que consiste na assimilação das categorias inconscientes que ordenam o universo cultural investigado. Através desse processo, que é análogo ao do aprendizado de uma língua estranha e, como este, também em parte inconsciente, o observador apreende uma "totalidade integrada" de significados que é anterior ao processo sistemático da coleta e ordenação das informações etnográficas. Isto é, a apreensão inconsciente da totalidade precede e permite o procedimento analítico consciente da investigação da realidade cultural.

Dessa maneira, a totalidade e a integração da cultura, que consistiam em pressupostos teóricos decorrentes da crítica à antropologia clássica, transformam-se agora numa realidade que é atingida intuitivamente pelo investigador por meio de sua vivência da situação de pesquisa.

Se a observação participante recoloca para Malinowski o problema da totalidade, ela obviamente não o resolve. A familiaridade com o nativo, a capacidade de participar de seu universo constituem condições prévias para a investigação, mas não eliminam o laborioso trabalho da coleta sistemática de dados, nem a interpretação e integração da evidência empírica de modo a recriar a totalidade vivida pelo nativo e apreendida pela intuição do pesquisador. Essa tarefa devia ser resolvida na elaboração das monografias sobre os trobriandeses, tarefa à qual Malinowski se dedicou com o máximo empenho durante o resto da vida.

## A estrutura da instituição

Após sua extraordinária experiência de trabalho de campo, Malinowski voltou à Austrália, onde se casou com Elsie Masson, filha de um professor de química da Universidade de Melbourne. Sua saúde, sempre frágil, estava bastante abalada e, logo após seu regresso à Inglaterra, a ameaça de tuberculose forçou-o a retirar-se para Tenerife, nas ilhas Canárias. Foi aí que em abril de 1921 terminou sua primeira monografia sobre os trobriandeses, à qual deu o nome romântico de *Argonautas do Pacífico Ocidental*. No ano seguinte, a obra era publicada na Inglaterra, para onde Malinowski já havia voltado.

O trabalho difere bastante das monografias tradicionais. Não é uma descrição de toda a cultura trobriandesa. Não é também uma análise especializada de um dos aspectos nos quais os antropólogos normalmente decompõem a cultura: economia, parentesco e organização social, religião, ritual e mitologia, cultura material. Consiste, na verdade, de todos esses aspectos vistos da perspectiva de uma única instituição, o Kula. A escolha da análise institucional constitui, portanto, a solução encontrada por Malinowski, para reconstituir, na des-

crição etnográfica, a integração e a coerência ou, em outras palavras, a totalidade integrada que a técnica da investigação lhe havia permitido captar no trabalho de campo.

Se, para Malinowski, a cultura constitui uma totalidade integrada, não é, entretanto, um todo indiferenciado, mas apresenta núcleos de ordenação e correlação que são as instituições. As instituições se apresentam portanto como limites "naturais", isto é, estabelecidos pela própria cultura, que permitem evitar o perigo de transformar a análise funcionalista no estabelecimento infundável de correlações. O conceito de instituição permite a Malinowski resolver o problema da adequação entre as categorias da análise e a realidade empírica, estabelecendo um isolado teórico que corresponde às unidades observadas na própria realidade e que dela emergem.

Para Malinowski, a instituição é sempre uma unidade multidimensional. Conforme a formulação elaborada anos mais tarde, no seu ensaio *Uma Teoria Científica da Cultura*, ela compreende uma constituição ou código, que consiste no sistema de valores em vista dos quais os seres humanos se associam; isto é, corresponde à idéia da instituição tal como é concebida pelos membros da própria sociedade. Compreende também um grupo humano organizado, cujas atividades realizam a instituição. Essas atividades se processam de acordo com normas e regras, que constituem mais um elemento dessa totalidade. Finalmente, compreende um equipamento material que o grupo manipula no desempenho de suas atividades. Esses diferentes elementos definem o que Malinowski chama estrutura da instituição.

O aspecto mais importante dessa conceituação consiste na preservação da multidimensionalidade do real, reproduzindo, em cada unidade de análise, as dimensões do processo cultural em sua totalidade. Com efeito, o processo cultural, isto é, a própria vida social, em qualquer de suas manifestações concretas, envolve sempre, para Malinowski, seres humanos em relações sociais definidas, pessoas que manipulam artefatos e se comunicam através da linguagem e de outras variadas formas de simbolismo. O equipamento material, a organização social e o simbolismo constituem três dimensões intimamente vinculadas e a realidade jamais pode ser compreendida integralmente se não se apreender a simultaneidade de todas as suas dimensões.

Na interpretação de Malinowski, a instituição não deve ser concebida como a simples soma dos aspectos de sua estrutura, mas verdadeiramente como sua síntese. A integração das diferentes dimensões da cultura é a referência constante de toda a investigação. Por outro lado, é necessário não confundir a síntese construída pelo antropólogo com a idéia que dela fazem seus portadores. Note-se que Malinowski sempre insiste na diferença entre o código e as normas da instituição, de um lado, e, de outro, as atividades efetivamente desempenhadas pelos membros do grupo. É através da análise das atividades e de seus resultados que o investigador encontra instrumentos para superar a consciência restrita e deformada que os membros de uma sociedade possuem de sua própria cultura.

Desse modo, verifica-se que os diferentes aspectos da instituição não possuem todos a mesma relevância explicativa, pois é nas atividades, isto é, no comportamento humano real, que se encontra o ele-

mento verdadeiramente sintético que fornece a chave para a apreensão da instituição na totalidade de seus aspectos.

A síntese que Malinowski se esforça por construir na descrição etnográfica não se reduz pois ao estabelecimento de interdependências entre sistemas analíticos diversos (legais, econômicos, técnicos, religiosos), tomados em sua independência. Para ele, esse tipo de síntese não pode ser atingido *a posteriori*, pela justaposição e a correlação de aspectos descontínuos, mas deve estar presente de início em todos os momentos da investigação. Por isso é que os temas que isola como focos de análise, isto é, as instituições, como o Kula, são escolhidos de modo a preservar, na unidade de investigação, essas totalidades complexas que incluem a multiplicidade do real e, ao contrário das monografias tradicionais, jamais se encontra em Malinowski uma análise de sistema econômico, político, religioso, etc., em si mesmos.

A instituição aparece pois como uma projeção parcial da totalidade da cultura, não como um de seus aspectos ou partes. A descrição sempre se desenvolve no sentido de mostrar, simultaneamente, como a instituição em apreço permeia toda a cultura e, inversamente, como toda a cultura está presente na instituição. Muitos autores já apontaram um aparente paradoxo: Malinowski, que tanto se preocupou com a noção da totalidade da cultura, jamais apresentou uma descrição integrada de todos os aspectos da cultura trobriandesa. É que o estudo do todo não se confunde com o estudo de tudo e a totalidade só pode ser apreendida concretamente através de realizações parciais, projetada no comportamento dos homens.

### Viagens, pesquisas, publicações

Após a publicação dos *Argonautas*, com a qual formula as linhas gerais de seu método, abre-se um período muito fértil na carreira de Malinowski.

Tendo retornado a Londres em 1921, retoma a atividade didática que iniciara antes do trabalho de campo, no começo novamente como *Occasional Lecturer* na London School of Economics e, a partir de 1922, como *Lecturer in Social Anthropology* na mesma instituição. Em 1924, assume o cargo de *Reader in Anthropology* pela Universidade de Londres, cargo que entretanto é exercido na London School. Em 1927, é indicado para a primeira Cadeira de Antropologia, criada para ele naquela universidade.

Com sua reputação estabelecida nos meios científicos, Malinowski dedica-se a defender sua nova visão da antropologia, atacando vigorosamente as colocações evolucionistas e principalmente difusionistas, generalizadas no mundo acadêmico britânico. Exemplo dessa polêmica é o trabalho "The Life of Culture", parte da publicação *Culture — The diffusion controversy*, em que figuram trabalhos de seus opositores, G. Elliot Smith, H. S. Spinden, A. Goldenweiser. A rigidez de muitas de suas formulações prende-se inegavelmente ao caráter polêmico de grande parte dos trabalhos que escreveu nessa época.

Malinowski viajou muito, tendo ministrado cursos e conferências em Genebra, Viena e Oslo, visitando muitas outras capitais e mantendo

do contatos pessoais com antropólogos de todo o mundo. Visitou os Estados Unidos em 1926, 1933 e 1936 quando recebeu o grau de Doutor Honorário pela Universidade de Harvard. Em 1934, percorreu também a África Meridional e Oriental, visitando então muitos de seus discípulos que estavam realizando trabalhos de campo, pois Malinowski foi o responsável pelo primeiro programa de treinamento em pesquisa de campo do *International African Institute*. Certamente sua capacidade de falar diversas línguas e sua origem polonesa contribuíram muito para esse contato tão amplo com instituições e pesquisadores de diferentes países, quebrando o relativo isolamento que caracterizava a comunidade de antropólogos britânicos.

Sua vida pessoal, entretanto, continuava marcada pela doença. Sua primeira mulher, com quem teve três filhas, foi acometida de uma doença incurável que afetou a coluna vertebral, tendo falecido em 1935, após dez longos anos de sofrimento.

Além de toda essa intensa atividade e de sua enorme dedicação às tarefas didáticas, Malinowski manteve, durante todo esse período, uma constante produção de artigos, ensaios e livros.

Após a publicação dos *Argonautas*, o interesse de Malinowski — até então concentrado em grande parte em questões econômicas — volta-se para outros temas. Até 1929 publicou, além de inúmeros trabalhos menores, alguns ensaios muito importantes e mais uma monografia sobre os trobriandeses.

Sobre a religião, magia e mitologia, publica, em 1925, o ensaio *Magic, Science and Religion* e, em 1926, *Myth in Primitive Psychology*. Em 1926 aparece ainda o primeiro trabalho no qual formula, de modo sistemático, embora resumido, sua visão própria do trabalho antropológico. Trata-se do verbete *Anthropology*, publicado na 13.ª edição da *Encyclopaedia Britannica*. Data ainda desse mesmo ano *Crime and Custom in Savage Society*, onde explora a noção de reciprocidade como princípio de ordenação social.

São entretanto os temas referentes ao sexo e à vida familiar que parecem constituir a preocupação central de Malinowski até o fim da década de 20, exemplificada através de inúmeros pequenos trabalhos, reunidos em parte no livro *Sex and Repression in Savage Society*, de 1927. Essa fase culmina, em 1929, com a publicação de sua segunda grande monografia sobre os trobriandeses, *The Sexual Life of Savages in North Western Melanesia*.

## Relações entre sexo e cultura

Os trabalhos referentes à vida sexual e à família certamente foram — e talvez ainda sejam — os mais populares de toda a obra de Malinowski. Do ponto de vista antropológico, assim como do público científico e leigo em geral, o fascínio desses trabalhos reside na capacidade de Malinowski de retratar o funcionamento de uma sociedade matrilinear que constitui, pelo menos sob esse aspecto, praticamente o inverso da sociedade ocidental da época. Além disso, pode-se bem imaginar o sucesso de trabalhos em que figuram descrições bastante explícitas da vida sexual numa época ainda marcada por muitos resquícios de puritanismo vitoriano.

Do ponto de vista europeu, a primeira grande peculiaridade trobriandesa residia justamente na ampla liberdade sexual. Com efeito, entre eles, não só a castidade pré-nupcial era totalmente desconhecida, como também a fidelidade conjugal não era observada com muito rigor. A segunda peculiaridade referia-se ao fato de que os trobriandeses, além de negarem a paternidade social, apresentando-se como sociedade estritamente matrilinear, ignoravam inclusive a paternidade fisiológica, acreditando que as fêmeas (tanto humanas, quanto animais) procriavam independentemente das relações sexuais. A descrição de uma sociedade desse tipo não podia deixar de fascinar um público muito mais amplo que o círculo restrito dos antropólogos profissionais.

O problema básico que Malinowski se propunha não era analisar a estrutura do sistema de parentesco, tema tradicional da antropologia, mas estudar a dinâmica específica da ordenação das condutas dentro desse quadro institucional, isto é, como "funcionava", na verdade, uma sociedade matrilinear.

A ordenação dos dados, nesses trabalhos, não se faz tanto em termos da instituição da família, mas em termos de um aspecto universal do comportamento humano, presente em todas as culturas: o impulso sexual.

A análise da vida sexual é feita em termos de uma dupla referência: os impulsos biológicos e sua regulamentação social. A importância desse tema, para Malinowski, está justamente em que consiste no tipo de atividade, por excelência, na qual se integram, de modo o mais explícito, impulsos naturais e imperativos sociais, apresentando-se portanto como ponto central da reflexão sobre a própria natureza da cultura. Essa integração, entretanto, só pode ser apreendida ao nível individual e a referência básica ao impulso sexual implica numa abordagem que localiza no indivíduo (e não na sociedade) todos os processos significativos e todas as explicações formuladas. Aparecem assim nesse tema, com grande nitidez, o biologismo e o psicologismo que estão latentes em quase toda a obra de Malinowski.

É necessário reconhecer que, apesar das deficiências desse tipo de abordagem, ela permite a Malinowski, como talvez em nenhum outro trabalho, fazer emergir, com extraordinária nitidez, a visão do nativo "em carne e osso". Focalizando quase que exclusivamente as atitudes e a motivação do comportamento — isto é, o arranjo particular trobriandês de aspectos universais do comportamento humano —, torna-se aparente, através da peculiaridade do costume, a qualidade humana da conduta.

Malinowski demonstra que o comportamento do trobriandês não é nem irracional nem imoral, mas coerente e compreensível dentro das premissas da cultura trobriandesa. Para demonstrar isso, é necessário apreender as premissas, mas não é necessário analisá-las como sistema. Por isso mesmo, nesses trabalhos evidenciam-se claramente tanto a riqueza como as limitações desse tipo de abordagem. De um lado, ela nos aproxima da vida real, mas, de outro, abandona uma problemática de enorme relevância, muito mais presente nas duas outras monografias, que consiste na análise das forças sociais que explicam a emergência e a força das atitudes próprias das situações investi-

gadas: a natureza das relações entre os grupos e a oposição entre segmentos sociais, estruturadas através do parentesco.

Na verdade, a ausência de uma análise sistemática do parentesco freqüentemente impede o esclarecimento de aspectos fundamentais da organização social, constituindo uma deficiência que tem sido apontada por todos os críticos de Malinowski.

O biologismo tantas vezes criticado em Malinowski relaciona-se diretamente com sua concepção de cultura, que é sempre referida à capacidade de satisfazer necessidades humanas. A instrumentalidade da cultura é que assegura, do ponto de vista de Malinowski, sua racionalidade inerente.

A relação entre as instituições e a satisfação das necessidades humanas aparece constantemente em suas tentativas de elaboração teórica e constitui um problema que ele jamais conseguiu resolver de modo satisfatório. Nas elaborações posteriores, especialmente tal como aparece em *A Scientific Theory of Culture*, Malinowski postula toda uma gama de tipos de necessidade. Inicialmente, há a considerar as necessidades biológicas do organismo, denominadas *básicas* (nutrição, procriação, proteção etc.). Como o homem, entretanto, só pode satisfazer essas necessidades básicas através da cultura, surgem necessidades derivadas relacionadas à manutenção, reprodução e transmissão do próprio equipamento cultural. Estas, Malinowski subdivide em imperativos instrumentais (que inclui a organização econômica, legal e educacional da sociedade) e imperativos integrativos (como a magia, a religião, a ciência e as artes). A dificuldade fundamental que encontra é a de relacionar, de um lado, as necessidades derivadas às necessidades básicas e, de outro, as instituições às necessidades.

Caberia exatamente ao conceito de função superar esta última dificuldade. Dentro dessa formulação, Malinowski define o conceito em termos da correspondência entre a instituição e as necessidades que ela satisfaz. Obviamente, tal definição distancia-se enormemente da aplicação efetiva do conceito à análise etnográfica.

Na verdade, a posição de Malinowski nessa questão é bastante ambígua, pois elaborou diferentes conceitos de função, definindo-a também, em oposição ao código ou carta de uma instituição, como seu papel no esquema geral da cultura, tal como é definido pelo investigador. Verifica-se facilmente que essa definição é diferente da anterior e muito mais próxima do método de interpretação usado no tratamento dos dados empíricos, onde é a análise da função que permite a passagem da consciência dos agentes para as conexões gerais, constituídas pelo observador e que definem a natureza da instituição (como ocorre, por exemplo, na análise do Kula).

Questões teóricas e metodológicas permeiam toda a obra de Malinowski. Após 1930 aparecem mais alguns ensaios, verbetes e artigos nos quais procura explicitar e sintetizar sua posição teórica. Datam dessa época, por exemplo, o verbete *Culture* da *Encyclopaedia of Social Sciences* (1931), o verbete *Anthropology*, do *Book of the Year* de 1938 da *Encyclopaedia Britannica* e as diferentes versões do artigo "Culture as determinant of Behavior" (1937, 1937, 1938). É também a partir dessa época que sua posição começa a ser criticada pelos antropólogos mais jovens, sobre os quais aumenta a influência do funcionalismo estrutural de Radcliffe-Brown.

**Propriedade da terra, trabalho, mito e magia**

Entretanto, não se pode dizer que diminua o prestígio de Malinowski. Seus próprios alunos começam a atingir a maturidade científica; muitos deles, já tendo terminado o trabalho de campo sob sua orientação, começam a publicar obras originais. Malinowski prefaciou muitas dessas monografias: em 1932, escreveu a introdução do livro de Reo Fortune, *Sorcerers of Dobu* e de Audrey Richards, *Hunger and Work in a Savage Tribe*; em 1934, prefaciou o trabalho de Ian Hogbin, *Law and Order in Polynesia*; em 1936, o de Raymond Firth, *We, The Tikopia*; no ano seguinte, o de Ashley-Montagu, *Coming of Age in Samoa*; em 1938, aparece, com prefácio de Malinowski, o livro de Jomo Kenyata, *Facing Mount Kenya*, a primeira monografia antropológica escrita por um membro da sociedade tribal.

Com tantos discípulos fazendo trabalhos de campo, aumenta também seu interesse pelos problemas da transformação cultural induzida pela dinâmica da situação colonial, interesse que cresce depois de sua visita à África. Em 1936, aparece seu primeiro artigo sobre esse problema, "Native Education and Culture Contact". Data de 1938 um ensaio intitulado "Introductory Essay on the Anthropology of Changing African Cultures", incorporado mais tarde em *Dynamics of Culture Change*. Além desses, há inúmeros trabalhos menores sobre o mesmo assunto, a respeito do qual passou a conduzir seminários regulares.

Apesar das dificuldades que encontra em formular de modo satisfatório os princípios da abordagem funcionalista, o grande trabalho que publica em 1935, a monografia *Coral Gardens and Their Magic* indica um grande progresso em relação às anteriores, tanto no que diz respeito à formulação das questões teóricas quanto à integração do material empírico.

Retomando os problemas relativos à economia primitiva, volta-se agora para o estudo do trabalho agrícola e da propriedade da terra nas Ilhas Trobriant. Apesar de incluir muito material já analisado em trabalhos anteriores — especialmente nos *Argonauts* — *Coral Gardens* é uma obra original, um esforço novo e produtivo para resolver os problemas relativos à integração da cultura. Nota-se também uma nova preocupação com as questões relativas à estrutura social; encontram-se ainda nesse trabalho não apenas uma apresentação muito mais clara da estrutura social trobriandesa como, e pela primeira vez, um tratamento adequado, embora parcial, da estrutura do sistema de parentesco.

Nesse trabalho, Malinowski aborda, com inigualável maestria, a relação entre o trabalho, a magia, a mitologia e a propriedade da terra. Demonstra como as atividades relacionadas à produção, distribuição e consumo do alimento — atividades que compreendem trabalho e magia, técnica e crença, uso e significado, ação e representação — simultaneamente expressam e produzem a própria sociedade.

Desaparece, nesse trabalho, o psicologismo que permeava as monografias anteriores. A relação entre o social e o individual não é mais direta e imediata, embora a análise realize constantemente a passagem de um nível a outro. Mas agora os aspectos psicológicos aparecem como síntese, ao nível do comportamento, dos aspectos culturais e sociais revelados pela análise etnográfica.

Nos capítulos finais, Malinowski aborda a questão da propriedade da terra, levantando, de modo extremamente rico e original, a questão básica da relação entre o processo produtivo e sua regulamentação jurídica, política e mitológica. Com *Coral Gardens*, encerra-se o ciclo das suas grandes produções etnográficas.

### Publicações póstumas: os ensaios e o diário

Em 1938, Malinowski volta novamente à América para uma permanência mais prolongada. Com a saúde outra vez abalada, estabeleceu-se por algum tempo em Tucson, Arizona, onde o clima se mostra benéfico para suas complicações pulmonares.

O início da guerra na Europa leva-o a prolongar a permanência nos Estados Unidos, sendo contratado como professor visitante pela Universidade de Yale em outubro de 1939. Permanece nessa Universidade até 1942, através de uma subvenção do Bernice P. Bishop Museum, de Honolulu, tendo encontrado tempo e energia para iniciar novo trabalho de campo entre os Zapotec, no México. No início de 1942 foi nomeado professor permanente da Universidade de Yale, mas faleceu a 16 de maio desse mesmo ano, em New Haven, antes de assumir seu novo posto.

Nesses últimos anos reconstituiu sua vida familiar, tendo se casado com a artista Valetta Swann. A crise deflagrada pela ascensão do nazismo e o início da Segunda Guerra Mundial, entretanto, perturbaram-no profundamente. Via na emergência do totalitarismo uma ameaça à própria civilização, com a destruição de todos os valores nos quais realmente acreditava.

Embora tivesse se naturalizado cidadão britânico há muitos anos e não se identificasse politicamente com a Polônia, a invasão de seu país pelos alemães levou-o a solidarizar-se com o povo polonês, tendo ajudado a fundar, nos Estados Unidos, o Polish Institute of Arts and Sciences, do qual foi presidente, através do qual se empenhou em auxiliar os refugiados poloneses.

Nesse período final de sua vida, Malinowski não produziu nenhuma obra de grande relevância. Os trabalhos dessa época, em geral pequenos, estão quase todos voltados para as questões que o vinham preocupando desde o início da década de 30, especialmente aquelas relativas à transformação das sociedades tribais e à fundamentação teórica do funcionalismo. Sobre esta última questão publicou, em 1939, *The Group and the Individual in Functional Analysis*.

Após sua morte, entretanto, a viúva, auxiliada por amigos e discípulos de Malinowski, empreendeu a publicação dos manuscritos que ele havia deixado. Em 1944 aparece *A Scientific Theory of Culture — and other essays*, com prefácio da Huntington Cairns que preparou o manuscrito para publicação.

Esse trabalho consiste numa tentativa de conciliar e integrar a abordagem baseada na análise das instituições com a concepção instrumental da cultura; nele Malinowski elabora a teoria das necessidades básicas e dos imperativos culturais. Apesar de incompleto e contraditório, o livro teve grande aceitação, sendo traduzido para inúmeras línguas.

Em 1945 é publicado *The Dynamics of Culture Change*, editado por Phyllis M. Kaberry e uma de suas obras mais discutíveis — que incorpora trabalhos que publicara anteriormente e as discussões que promovera durante os seminários que conduziu em Yale em 1941. Tal como é apresentada nesse trabalho, a análise da transformação cultural assume a forma extremamente rígida de relações entre instituições de três realidades ou culturas distintas: a do colonizador, a tribal e a nova cultura que emerge da interação entre as duas.

No conjunto, essas duas obras póstumas, apesar de sua ampla divulgação e aceitação, guardam um caráter de improvisação e estão cheias de generalizações apressadas e de contradições. Muitas das críticas dirigidas a Malinowski e à fragilidade de sua teoria da cultura baseiam-se exatamente nesses trabalhos, que se prestam facilmente à crítica e, com isso, obscurecem o alcance da sua contribuição à antropologia moderna e às ciências humanas em geral.

Muito discutível foi também a utilidade ou o interesse da publicação, em 1967, da tradução de seu diário íntimo — redigido em polonês durante o trabalho de campo, nas ilhas Trobriand — e que Malinowski certamente jamais pretendeu publicar. De pouco valor científico ou literário, demonstra apenas sua constante preocupação com a saúde (aliás, não sem motivo) e as freqüentes crises de angústia, mau humor e hostilidade para com os nativos que acometem, inevitavelmente, todo pesquisador de campo na situação de “observação participante” preconizada por Malinowski.

Na verdade, o significado e a profundidade da obra de Malinowski estão contidos, com toda sua riqueza, nas monografias etnográficas.

## Cronologia

- 1858 — Franz Boas nasce em Minden, Alemanha.  
 1881 — Radcliffe-Brown nasce em Birmingham, Inglaterra.  
 1883/84 — Boas realiza observações entre os esquimós.  
 1884 — *Nasce Bronislaw Malinowski em Cracóvia, Polônia.*  
 1906/08 — Radcliffe-Brown faz pesquisas entre os andamaneses.  
 1910 — *Malinowski é admitido na London School of Economics.*  
 1911 — Boas publica *Changes in Bodily Form of Descendants of Immigrants.*  
 1913 — Publicação de *As formas elementares da vida religiosa*, de Durkheim; *Totem e Tabu*, de Freud; e *de A família entre os aborígenes australianos*, de Malinowski.  
 1922 — *Malinowski publica Argonautas do Pacífico Ocidental*; publicação de *The Andaman Islanders*, de Radcliffe-Brown.  
 1925 — *Malinowski publica Magic, Science and Religion.*  
 1926 — *Publica o verbete Antropologia*, na *Enciclopédia Britânica*, e as obras *Crime and Custom in Savage Society* e *Myth in Primitive Psychology.*  
 1927 — *Publica Sex and Repression in Savage Society.*  
 1929 — *Publica The Sexual Life of Savages in North-Western Melanesia.*  
 1930 — Radcliffe-Brown publica *The Social Organization of Australian Tribes.*  
 1932 — *Malinowski publica The Sexual Life of Savages.*  
 1935 — *Publica Coral Gardens and Their Magic.*  
 1942 — *Morre Malinowski. Morre Franz Boas.*

- 1944 — *Publicação de A Scientific Theory of Culture.*  
1945 — *Publicação de The Dynamics of Culture Change.*  
1947 — *Publicação de Freedom and Civilization.*  
1948 — *Publicação de Magic, Science and Religion and Other Essays.*

## Bibliografia

- DURHAM, E. R.: *A Reconstituição da Realidade.* Um estudo sobre a obra etnográfica de Bronislaw Malinowski. Tese de Livre-Docência apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da F. F. L. e C. H. da U.S.P. Edição Mimeografada. S. Paulo, 1973.
- FIRTH, R.: *Man and Culture — an evaluation of the work of Bronislaw Malinowski*, Routledge & Kegan Paul, London, 1957, "Obituary: Prof. B. Malinowski" in *Nature*, vol. 149, p. 661, London, 1942.
- GLUCKMAN, M.: *Malinowski's Sociological Theories in The Rhodes-Livingstone Papers n.º 16, Oxford, 1949.*
- HOEBEL, E. A.: *The Trobriand Islanders: primitive Law as seen by Bronislaw Malinowski*, cap. 8 de *The Law of Primitive Man*, Cambridge, Mass., 1954.
- KLUCKHOHN, C.: *Bronislaw Malinowski, 1884-1942 in Journal of American Folk-lore*, vol. 56, 1943.
- LABOURET, H.: *L'Échange et le Commerce dans les Archipels du Pacifique et en Afrique Tropicale*, tomo III de *L'Histoire du Commerce*, Ed. J. Lacour-Gayet, Paris, 1953.
- MURDOCK, G. P.: *Malinowski, Bronislaw in American Antropologist*, vol. XLV, Menasha, Wis., 1943.
- PANOFF, M.: *Bronislaw Malinowski*, Payot, Paris, 1972.
- RICHARDS, A.: *Bronislaw Kaspar Malinowski in Man*, n.º 1, London, 1943.

